



Soja - 05 a 30/01/2026

Janeiro tem soja em queda em Goiás, com início da colheita e alta de 1,53% no março/26 em Chicago

Em janeiro, a soja na CBOT apresentou forte volatilidade. O WASDE de janeiro confirmou safra robusta na América do Sul e estoques confortáveis, pressionando os contratos na primeira quinzena. Na segunda metade do mês, demanda chinesa firme, clima mais seco na Argentina e "recomposição de posições por fundos sustentou recuperação com o março/26 saindo de US\$ 10,46 para US\$ 10,62/bushel, alta de 1,53% no mês.

No Brasil, o início da colheita ampliou a oferta e reforçou a pressão sazonal. Ainda assim, as exportações deram suporte ao mercado: o país embarcou cerca de 1,88 milhão de toneladas em janeiro, volume aproximadamente 75% superior ao registrado em janeiro de 2025, indicando forte avanço anual e boa competitividade externa.

Em Goiás, as cotações recuaram ao longo do mês, com maior pressão no mercado disponível diante do início da colheita e da ampliação da oferta física. O mercado futuro apresentou ajuste mais moderado, indicando que parte da pressão sazonal já estava incorporada na curva.

Gráfico 1 - Evolução nos preços dos contratos em janeiro/26.

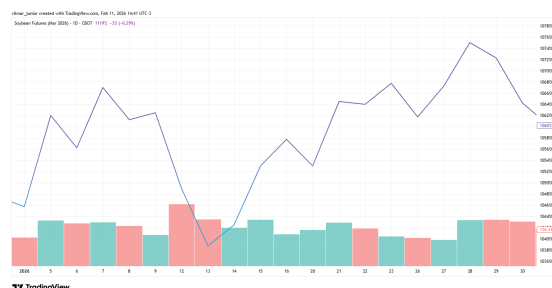


Tabela 1 - Variação do preço médio da soja em Goiás no mês de janeiro de 2026.

Descrição	Valor 05/01	Valor 30/01	Diferença
Soja Disponível	R\$118,50	R\$106,00	-R\$ 12,50
Soja Balcão	R\$117,11	R\$108,89	-R\$ 8,22
Soja Futuro	R\$111,53	R\$107,00	-R\$ 4,53



A colheita iniciou em ritmo lento em janeiro devido às chuvas persistentes, que também se estenderam ao início de fevereiro, limitando a oferta às indústrias. A expectativa é de aceleração na segunda quinzena do mês de fevereiro.



Milho - 05 a 30/01/2026

Janeiro foi marcado por queda do milho na CBOT, B3 e em Goiás após ajustes de oferta global no WASDE

Em janeiro, o milho na CBOT apresentou movimento predominantemente baixista, com o março/26 acumulando queda de cerca de 2% no mês. O movimento foi mais intenso no dia 12, após o WASDE, quando o contrato recuou de US\$ 4,37 para US\$ 4,28/bu diante do aumento das estimativas de safra e estoques nos EUA. Na segunda metade do mês, exportações norte-americanas firmes e ajustes técnicos sustentaram recuperação parcial, sem reverter as perdas.

No Brasil, o mercado acompanhou parcialmente o cenário externo, mas contou com suporte da demanda interna, especialmente de ração e etanol. As exportações somaram 4,25 milhões de toneladas em janeiro, volume 18% superior ao de janeiro de 2025, reforçando a competitividade brasileira. Ainda assim, o câmbio e a expectativa de avanço da safrinha limitaram altas mais firmes.

Em Goiás, as cotações recuaram no mês, com maior ajuste no mercado futuro. O balcão teve queda moderada, sustentado por oferta ajustada, enquanto o futuro precificou de forma mais intensa a entrada da safrinha 2026. O plantio iniciou de forma lenta, em função do atraso da colheita da soja, reforçando postura mais cautelosa do mercado.

Gráfico 1 - Evolução nos preços dos contratos em janeiro/26

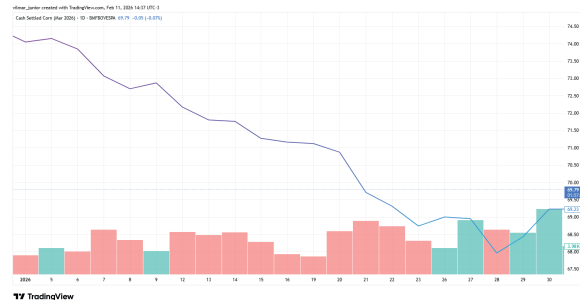


Tabela 1 - Variação do preço médio do milho em Goiás no mês de janeiro de 2026.

Descrição	Valor 05/01	Valor 30/01	Diferença
Milho Balcão (Média Estado)	R\$ 57,79	R\$57,00	- R\$ 0,79
Milho Futuro (Média Estado)	R\$ 51,00	R\$ 49,00	- R\$ 2,00
Rio Verde	R\$ 56,50	R\$ 57,00	R\$ 0,50



Para fevereiro, o mercado permanece atento ao ritmo das exportações norte-americanas, ao clima na Argentina e ao avanço do plantio da safrinha no Brasil, fatores que podem redefinir a dinâmica de oferta e manter a volatilidade elevada.



Oferta ajustada e mercado externo mantêm arroba firme em janeiro

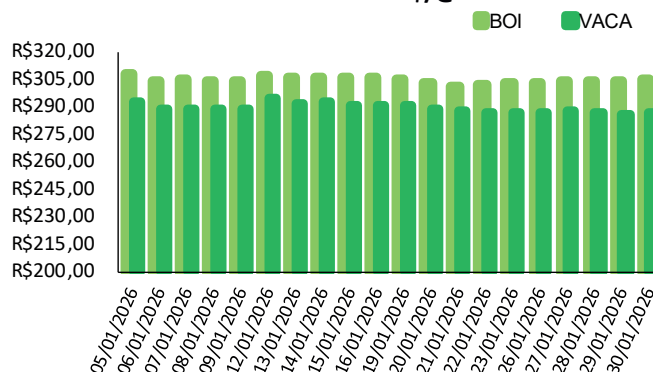
Em janeiro, o mercado físico do boi gordo apresentou firmeza, mesmo em um período sazonalmente marcado por consumo interno mais fraco. O indicador DATAGRO SP/B3 registrou média de R\$ 319,96/@, com valorização de 2,61% no mês. A indústria atuou de forma cautelosa nas compras, mas encontrou resistência dos pecuaristas, sobretudo diante da menor disponibilidade imediata de boiadas prontas. As negociações ocorreram de maneira seletiva, sustentando as referências e limitando movimentos de baixa.

Em Goiás, o mercado acompanhou o cenário nacional, com leve acomodação nos preços. Segundo o IFAG, a média do boi gordo foi de R\$ 304,48/@, recuo de 0,99%, enquanto a vaca gorda encerrou o mês a R\$ 289,07/@, queda de 2,23%. A maior participação de fêmeas na oferta trouxe pressão pontual, especialmente na segunda quinzena. Ainda assim, a oferta restrita de animais terminados e a postura cautelosa dos produtores mantiveram o mercado travado, evitando quedas mais acentuadas.

No mercado externo, o desempenho seguiu positivo. Dados da Secex apontam que o Brasil exportou 231 mil toneladas de carne bovina em janeiro, com crescimento de 28,6% frente ao mesmo período de 2025. O preço médio por tonelada avançou 13,1%, reforçando o papel das exportações como principal fator de sustentação do mercado.

Para os próximos meses, a expectativa é de manutenção da firmeza. A oferta segue ajustada, as escalas tendem a permanecer curtas e o mercado externo deve continuar sustentando as cotações, enquanto o consumo interno pode ganhar fôlego gradualmente.

PREÇO MÉDIO BOI GORDO E VACA GORDA À VISTA EM GOIÁS R\$/@



Fonte: IFAG



Mercado de aves e suínos fecha 2025 com balanço positivo e perspectivas favoráveis

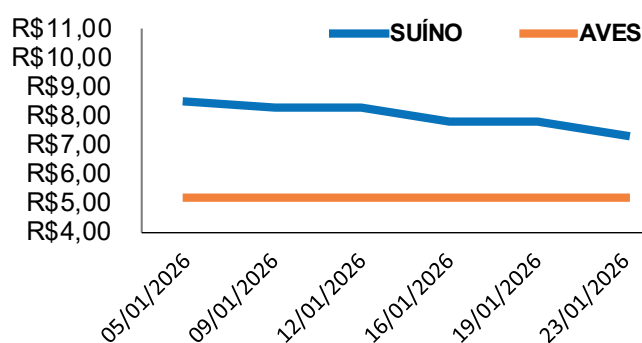
Em janeiro de 2026, o mercado de aves e suínos iniciou o ano sob pressão no mercado interno, reflexo do enfraquecimento sazonal da demanda, mas manteve bom desempenho no comércio exterior. Na avicultura, o frango vivo em Goiás registrou média de R\$5,20/kg, queda de 7,3% frente a dezembro de 2025 e de 5,8% em relação a janeiro do ano anterior.

No campo externo, as exportações brasileiras de carne de frango somaram 459 mil toneladas, avanço de 3,6%, com receita de US\$874,2 milhões (+5,8%). Segundo o Cepea, a competitividade da carne de frango caiu frente à suína, mas aumentou em relação à bovina, movimento associado à desvalorização mais intensa das proteínas avícola e suínica no atacado, típica do início do ano, quando a demanda doméstica tende a ficar mais retraída.

Na suinocultura, o preço médio do suíno em Goiás ficou em R\$7,89/kg, recuo de 6,6% em relação a dezembro. Ainda assim, as exportações apresentaram desempenho robusto, com embarques de 116,3 mil toneladas (+9,7%) e receita de US\$ 270,2 milhões (+13,6%), impulsionadas pela diversificação dos destinos, com forte crescimento das Filipinas e do Japão, que compensaram a queda nas vendas para a China.

Para os próximos meses, as projeções indicam crescimento da produção global no primeiro semestre, com o Brasil mantendo papel de destaque nas exportações, enquanto o mercado interno tende a buscar maior equilíbrio à medida que a demanda se recupera e os ajustes de oferta avançam ao longo do ano.

PREÇO MÉDIO SUÍNO E FRANGO VIVO EM GOIÁS R\$/KG



Fonte: IFAG



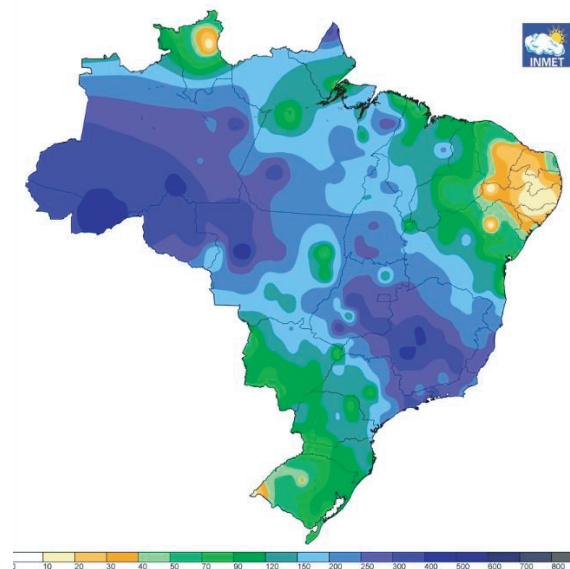
Janeiro chuvoso garante base hídrica sólida em Goiás, mas impõe desafios operacionais no campo

Janeiro foi marcado por instabilidade persistente em Goiás, com atuação de episódios da Zona de Convergência do Atlântico Sul (ZCAS). Os acumulados superaram 150 mm em grande parte do estado, com volumes ainda mais elevados no leste goiano, garantindo reposição hídrica expressiva e armazenamento de água no solo acima de 60%. A maior nebulosidade contribuiu para temperaturas mais moderadas, mantendo o ambiente típico da estação chuvosa ativa.

A disponibilidade contínua de água favoreceu o enchimento de grãos da soja e sustentou o potencial produtivo das lavouras em fase reprodutiva. Contudo, a frequência das chuvas reduziu significativamente as janelas de colheita. O solo saturado dificultou o tráfego de máquinas, retardou operações no Sudoeste e Centro do estado e aumentou o risco de perdas qualitativas, com maior teor de umidade nos grãos e pressão de doenças fúngicas.

Para fevereiro, a tendência indica manutenção da umidade do solo, porém com chuvas mais irregulares, favorecendo abertura gradual de janelas para colheita e avanço do plantio da safrinha. Em março, o regime chuvoso ainda permanece ativo, mas já sob sinal de transição sazonal, exigindo atenção ao calendário da segunda safra.

Figura 1. Precipitação acumulada em janeiro.



Fonte: INMET.



Oferta impactada pelas chuvas provoca oscilações no hortifruti goiano

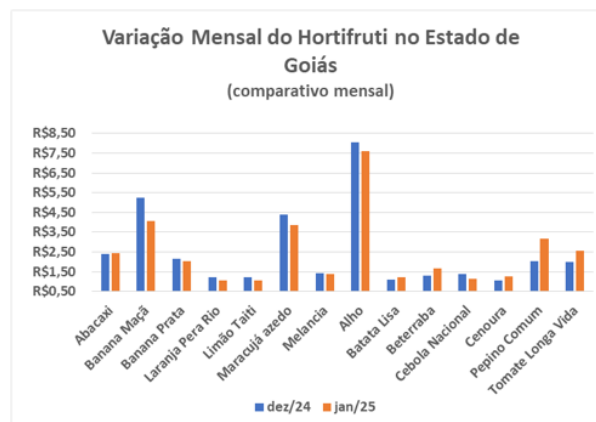
Em janeiro, o mercado de hortifrúti em Goiás foi marcado por oscilações de preços, influenciadas principalmente pelo excesso de chuvas nas regiões produtoras. As precipitações frequentes dificultaram a colheita e reduziram a oferta de alguns produtos, provocando altas pontuais. Ainda assim, não houve um movimento uniforme de valorização, com comportamentos distintos entre as categorias.

Entre as altas, destacaram-se o pepino comum (+57,79%), o tomate longa vida (+28,12%), a beterraba (+26,83%) e a cenoura (+18,49%). No caso da cenoura, as chuvas constantes, afetaram a colheita e limitaram a oferta. O tomate também registrou valorização devido à transição entre a safra de inverno e a de verão, período que normalmente gera instabilidade nos preços. Já a batata lisa teve aumento de 14,16%, reflexo da menor oferta nas lavouras.

Por outro lado, algumas frutas apresentaram recuo. A banana maçã caiu 22,01% e a banana prata 4,79%, influenciadas por demanda mais fraca após as festas de fim de ano e maior concorrência com frutas da estação. Laranja, limão e maracujá também registraram queda.

Para o próximo trimestre, a previsão indica chuvas acima da média e temperaturas elevadas. Esse cenário pode continuar afetando a colheita e mantendo o mercado sensível a variações de oferta, exigindo atenção do produtor quanto ao planejamento e à comercialização.

Gráfico 1 - Variação Mensal do Hortifrúti no Estado de Goiás



Fonte: Ceasa-GO; Elaboração: IFAG